

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

11 de Maio de 2023

ESCRITORES-REALIZADORES

- em colaboração com a Associação Portuguesa de Escritores

LES ANNÉES SUPER-8 / 2022 Annie Ernaux – Os Anos Super-8

*Um filme de Annie Ernaux
e David Ernaux-Briot*

Argumento, comentário e narração: Annie Ernaux / Imagem (Super-8, cor): Philippe Ernaux / Música: Florencia Di Concilio / Montagem: Clément Pinteaux / Som: Rym Dabbarth-Mounir (montagem), Mélissa Petitjean (misturas) / Com as presenças de: Annie Ernaux, Éric Ernaux, Philippe Ernaux, David Ernaux-Vriot, Blanche-Dominique Dumesnil-Duchesne

Produção: Philippe Martin e David Thion para Les Films Pelléas (Paris), em colaboração com Arte-France Cinéma / Cópia: dcp (transcrito dos originais em Super-8), versão original com legendas em português / Duração: 63 minutos / Estreia mundial: Festival de Cannes, 23 de Maio de 2022 (Quinzena dos Realizadores) / Estreia em Portugal: 15 de Dezembro de 2022 / Primeira apresentação na Cinemateca.

Sessão apresentado por Maria Etelvina Santos

Uma primeira informação sobre este filme, apresentado em Maio de 2022 na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes, concorrendo para a Câmara de Ouro: a sua apresentação no festival de cinema com maior visibilidade no mundo é anterior à atribuição do Prémio Nobel de Literatura a Arnie Ernaux (que nunca foi considerada em França uma escritora de grande envergadura), o que só ocorreria em Outubro daquele ano, embora nenhum Prémio Nobel caia do céu, todos são arrancados ao termo de longas intrigas, pois os benefícios comerciais para os autores e os seus editores são enormes. A obra literária de Annie Ernaux é marcada por um forte teor autobiográfico e o comité da Academia Sueca justificou a atribuição do prémio pela *“coragem e a acuidade clínica com a qual ela descobre as raízes, os afastamentos e as tensões coletivas da memória pessoal”*. Esta formulação aplica-se muito bem a **Les Années Super-8**, pois como qualquer seleção de filmes familiares neste suporte cinematográfico este é um filme que trata da memória pessoal sobre um fundo das memórias coletivas formadas pelos acontecimentos políticos, pelos pequenos passos da História.

Como em toda antologia de imagens familiares e domésticas fixadas em Super-8, suporte que sempre se destinou a este uso desde que foi lançado em 1932 (as imagens feitas no chalé bávaro de Adolf Hitler são o mais célebre exemplo de filmes domésticos feitos em 8 mm; o prefixo *super* foi acrescentado nos anos 60 devido a aperfeiçoamentos técnicos), a beleza de **Les Années Super-8** vem precisamente da banalidade das imagens, da sua modéstia doméstica, que é transfigurada pela adjunção de uma narração em *off* e de música, que anulam esta banalidade. É este o singelo e infalível dispositivo formal de todas as longas-metragens em Super-8 (excetuando-se, naturalmente, os *filmes de artistas*), que formam um verdadeiro género, sejam estes filmes feitos a partir de imagens preexistentes, como aqui ou em **Nikita Kino**, de Vivian Ostrovsky, ou de imagens novas, como no longo e esplêndido diário filmado de Joseph Morder, o seu **Journal**. No caso de imagens preexistentes, estas muito raramente pertencem ao domínio do chamado *found footage*, bobines de filmes achadas (num mercado de pulgas, por exemplo) e não identificadas e reunidas noutra estrutura. Antes pelo contrário, estas imagens são o equivalente dos álbuns de retratos familiares, em que cada um identifica as pessoas presentes na imagem e a ocasião em que esta veio a existir. A memória vê-se diante de objetos concretos do passado, que provam que *isto foi*, segundo a célebre fórmula de Roland Barthes no seu livro sobre a fotografia, que Ernaux cita de modo indireto a dada altura do comentário.

Os “anos do Super-8” na vida de Annie Ernaux, do seu marido e dos seus filhos vão de 1972 (quando a câmara foi comprada) a 1981, quando sobreveio o divórcio depois de dezassete anos de casamento entre esta filha de pobres merceeiros de aldeia e um funcionário relativamente alto, advindo de uma família que fora rica e se arruinara. Segundo a bela fórmula da escritora no comentário, estes documentos sobre a vida doméstica e familiar são uma maneira de “*captar o mundo*” e também “*captar a felicidade*”. Neste sentido são próximos de alguns dos primeiríssimos filmes a terem sido realizados, na vivenda da família Lumière, desprovidos de qualquer vontade de encenação, em que vemos um bebé que come ou tenta agarrar peixes num aquário ou ainda alguns adultos que jogam às cartas. A narrativa segue uma rigorosa ordem cronológica, com alguns vaivéns entre a casa e o mundo, entre o casulo familiar e terras distantes. Todo álbum de retratos de família (fotografias ou pequenos filmes em Super-8) adquire com o passar do tempo algo de documento sociológico, o que é o caso de **Les Années Super-8**, que ilustra, por exemplo, certos condicionalismos da esquerda francesa da época, que o passar do tempo tornou quase comoventes, pelo que podem ter de *naïfs*, abolindo o que podem ter tido de irritantes. Um exemplo disso são as férias passadas no Chile na Páscoa de 1972 (graças a um concurso ou coisa que o valha organizado pelo *Nouvel Observateur*) a meio do percurso de Salvador Allende, exemplo típico de turismo político, em que se vai contemplar um país sobre o qual não se sabe estritamente nada e no qual tudo parece deslumbrante. As contradições desta média burguesia de esquerda quase explodem nas férias passadas pela família Ernaux em Marrocos, para onde a escritora se dirigiu de pé atrás devido à política repressiva do rei Hassan II (que foi acentuada devido a duas violentas tentativas de golpes de Estado; por sinal, ela não parece saber muito bem quem era o general Oufkir), mas durante as quais a família Ernaux ficou, por vontade própria, confinada a um clube de férias, sem jamais pôr os pés na praia frequentada pelos marroquinos, *filmando a felicidade* entre quatro muros. O filme também documenta uma outra utopia dos anos 70, profundamente desprezada pelos militantes de esquerda, a recusa do “mudo moderno”, substituído pelo desconforto de uma vida “simples” no campo, sem água corrente e baseada na mini-agricultura de sobrevivência, através do caso pessoal da cunhada da escritora, um dos muitos *néo-ruraux* a se terem instalado na região da Ardèche para viver, na medida do possível, em autarcia, sem sonhos coletivistas.

Estas olhadelas em questões políticas do período são anexas ao fluxo principal do filme, que consiste na simultaneidade da vida familiar da Annie Ernaux e a sua atividade de escritora, uma atividade que exige solidão, mas não parece totalmente incompatível com o facto de criar filhos. A sua atividade de escritora é periodicamente evocada, com títulos de livros e datas de publicação (os seus três primeiros livros foram publicados durante estes *anos Super-8*), porém sem que haja confluência ou choque com a vida de família que as bobines de três minutos em Super-8 fixavam, embora em certas passagens ela se refira a si mesma na terceira pessoa, como se a mulher que vemos e a que ouvimos não fossem a mesma. A dada altura ela observa que sempre que a família se instalava numa casa nova o seu marido (era ele e apenas ele que filmava) filmava o interior da casa, como um ritual que consistia em “*filmar os objetos como se fosse um gesto mágico*”. À medida que o casamento de Annie e Philippe Ernaux se aproxima do fim, “*a câmara já não procura filmar a felicidade*”, nem poderia fazê-lo, porque esta já se dissipou. Ao separar-se dela o seu marido levou consigo a câmara, para continuar a filmar a sua vida e, de modo significativo, deixou com ela e os filhos o projetor, a tela e os inúmeros rolos de Super-8 daqueles nove anos. Isto foi em 1981, pouco antes do surgimento do vídeo doméstico, com a sua imagem hedionda, imprecisa e de duração efémera, mas que tornaria o Super-8 tão obsoleto quanto a felicidade de uma família onde houve um divórcio. Quarenta anos depois, reunidas e recompostas, estas imagens formam um romance sobre nove anos de vida de uma família em que um dos membros também era uma escritora.

Antonio Rodrigues